

Revista *A Ponte* – Jornalismo, emoção e histórias de vida

Manoela CAVALCANTI¹

Aldeci TOMAZ²

Alejandro SEPÚLVEDA³

Universidade de Fortaleza, CE

RESUMO

A revista *A Ponte* nasceu em 2003 com o objetivo de relatar histórias de vida através de uma perspectiva jornalística mais humanizada do que a corriqueira realizada pela imprensa comercial. Em sua 17ª edição, que servirá de modelo para este artigo, mostramos o processo de produção da publicação, desde a concepção à finalização, no âmbito do Laboratório de Jornalismo (Labjor) da Universidade de Fortaleza (Unifor). A revista laboratorial é feita por alunos do 5º semestre do curso de Jornalismo, na disciplina Princípios e Técnicas de Jornalismo Impresso II. Além da reportagem, outros gêneros são incentivados a serem realizados. *A Ponte* tem parceria com o Laboratório de Publicidade, propiciando que estudantes do curso de Publicidade e Propaganda também utilizem as páginas da revista para experimentar a criação de peças publicitárias em mídia impressa.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo literário; revista-laboratorial.

1 INTRODUÇÃO

“Princípios e Técnicas de Jornalismo Impresso II” é uma das disciplinas previstas na grade do 5o. semestre do curso de Comunicação Social - com habilitação em Jornalismo - da Universidade de Fortaleza (Unifor). “Caracterizar os gêneros do jornalismo opinativo e literário, utilizando os recursos na produção de textos específicos” é um dos objetivos da cadeira, segundo ementa apresentada no site da instituição.

Desde a sua criação, em 2003, a revista passou por reformas em seu projeto gráfico e, em 2011, ganhou uma nova logomarca, e, em 2013, modificação em seu projeto gráfico. Contudo, o projeto editorial da revista foi mantido em seu conceito acerca da utilização de

¹ Aluna líder do grupo e estudante do 8º semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: manu_satine@hotmail.com.

² Coautor, estudante do 5º semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: aldeci@unifor.com.br.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, e-mail: alejandro@unifor.br.

recursos literários, como o relato cena a cena, descrição minuciosa de objeto, lugares e personagens, além do emprego de diálogos.

Em sala de aula, o professor responsável por ministrar a disciplina, Alejandro Sepúlveda, enfatiza as possibilidades de abertura do jornalismo, para além do formato diário dos grandes jornais impressos. A frequência do uso de fontes não oficiais ou de personagens anônimos são exemplos do carácter humanístico encontrado no formato editorial d'*A Ponte*. Apesar de os dados serem apurados com rigor factual, procura-se dar vazão a histórias e perspectivas subjetivas, aliando retratos de vieses pessoais a critérios de noticiabilidade - características da realidade cotidiana que não costumam figurar em publicações comerciais de grande tiragem. A temática é aprofundada pelo repórter.

Já o projeto gráfico “vem respaldar o projeto editorial, pois a utilização das imagens e a diagramação das páginas são feitas de forma que a comunicação seja efetiva” (RIBEIRO, 2010, p. 2). A periodicidade d'*A Ponte* é semestral, sempre vinculada à disciplina mencionada. Em 2012 foram produzidos os exemplares de número 17 e 18. A edição de número 17, que passou por modificações no projeto gráfico e que será analisada neste artigo – servirá para exemplificar em linhas gerais os aspectos gráficos e editoriais d'*A Ponte*.

2 OBJETIVO

O objetivo desta publicação é explicitar os processos utilizados durante a confecção da revista, tais como a elaboração das pautas, apuração, seleção das matérias, edição, fotografias, diagramação, revisão, finalização e distribuição. Ressalte-se que todas essas etapas são realizadas por estudantes de Jornalismo sob a orientação do professor da disciplina, Alejandro Sepúlveda.

3 JUSTIFICATIVA

A Ponte é resultado da demanda por renovar os limites do jornalismo diário, sobretudo das restrições do tempo de fechamento, que leva aos estereótipos, ao não aprofundamento e, por vezes, a uma cobertura com consultas aprofundadas somente às fontes oficiais e célebres. Essa necessidade foi sentida pela primeira turma do curso de Jornalismo da Unifor, da



disciplina Princípios e Técnicas de Jornalismo Impresso II. E ela se ajusta com o objetivo da cadeira, que, segundo ementa apresentada no site da Unifor, visa à

produção de reportagens para a mídia impressa. A diferença do texto reportagem de jornal e o de revista. Novas linguagens. O jornalismo impresso frente às novas tecnologias da comunicação. A ética na apuração, produção, redação, edição e difusão da notícia. O gênero do jornalismo opinativo. O gênero do jornalismo literário. Os projetos editoriais do mercado (UNIVERSIDADE DE FORTALEZA, 2012).

A revista é produzida a partir dos estudos e atividades desenvolvidas durante a disciplina, como a prática da entrevista aprofundada, bem como exercícios em torno da elaboração de grandes reportagens e a leitura de livros-reportagens.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Durante a disciplina já citada, os alunos estudam técnicas de reportagem, a diferença entre a linguagem de jornal e de revista, técnicas de entrevista, descrição de bastidores, perfil dos entrevistados, técnicas empregadas pelo jornalismo literário, as modalidades do jornalismo opinativo e demais temas necessários à elaboração da revista, sempre conduzidos pelo professor da disciplina, que é também o professor-orientador do produto no laboratório. Dessa maneira, as aulas visam estimular nos alunos a leitura crítica e atenta, percebendo os métodos de apuração e técnicas literárias utilizadas pelos autores das reportagens consagrados – sendo uma dessas técnicas o diálogo direto, presente no corpo das reportagens d'*A Ponte*. Utilizam-se como exemplos as reportagens de José Hamilton Ribeiro, Caco Barcellos, Joel Silveira, Eliane Brum, Gay Talese, Truman Capote e muitos outros, bem como as revistas *Caros Amigos*, *piauí*, *Brasileiros*, *Rolling Stone* etc.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Monotemática desde 2007, a revista tem o tema escolhido por meio de votação em sala de aula, após um *brain-storm* feito pelos alunos. A 17ª edição d'*A Ponte* aborda a temática de trajetórias de vida. A edição foi batizada pelos alunos como “Rumos”, e desvenda diferentes biografias anônimas, que mesmo com suas particularidades, não remontam o sensacionalismo, nem o espetacular - aspectos constantemente explorados nos relatos que costumeiramente são pinçados para publicações jornalísticas. Situações comuns são

esmiuçadas como em favor de um exercício de estranhamento, como na reportagem “Rumos Interrompidos”, de Maria Solon e Melina Menezes, que reúne três relatos distintos. O primeiro deles aborda a guinada abrupta que uma gravidez não planejada e um casamento imposto, ainda fazem à vida de uma jovem mulher.

Anna Luiza viu seu destino mudar quando engravidou do namorado aos 18 anos. ‘Nunca imaginei que fosse acontecer comigo’ (...) Por imposição dos pais, casou-se com o namorado tão jovem quanto ela (...) A conclusão da faculdade de jornalismo e os planos de um futuro intercâmbio tornaram-se sonhos distantes (SOLON; MENEZES, 2012, p. 38).

Circunstâncias como a descrita não são raridades nem contém aspectos espetaculares. “De acordo com o revelado pelas estatísticas nacionais, nos últimos anos, o número absoluto e relativo de gestações em adolescentes vem aumentando, especialmente no grupo de 10 a 14 anos” (ARCANJO CM, et al, 2007, p. 446). Contudo, a ideia é que ao abordar um tema - mesmo que comum - um olhar aproximado e intimista estimule o envolvimento do leitor, e inclusive a reflexão.

Ainda na sala de aula, o passo seguinte é propor as pautas e dividir os alunos em duplas. Cada dupla fica responsável por uma reportagem. Em seguida, as equipes devem partir em busca de apuração, pesquisa, entrevistas, coleta de dados até chegar a uma primeira versão da reportagem. Esta, após leitura, correção e sugestões do professor, é devolvida aos alunos, que, por sua vez, elaboram uma versão definitiva da matéria. O processo inclui a edição das fotos, elaboração de ilustrações e/ou artes-finais.

Como é uma revista-laboratório com caráter de jornalismo literário, há espaço para experimentação, como no caso da reportagem que leva o título “Sinais Vermelhos”, de João Paulo de Freitas, que além de relacionar histórias de pessoas que se descobriram portadoras do vírus da AIDS, contém uma resenha do livro ligado ao assunto, “Depois daquela viagem”, da escritora Valéria Piassa Polizzi, e uma entrevista direta com a autora.

Durante o processo de apuração e escrita, os autores das reportagens também têm a missão de pensar nas fotografias que acompanharão os textos. Dessa maneira eles próprios



fazem as fotos, como no caso da reportagem já citada “Eu nasci de novo”, na qual a coautora, Máira Braga Pontes Cordeiro também foi responsável pelos registros fotográficos. Caso seja necessário, os alunos podem ainda requisitar à editoria de fotografia do Laboratório de Jornalismo (Labjor) a confecção das fotos.

5.1 Projeto gráfico

Na 17ª edição, cujo tema foi “Rumos”, a revista passou por uma reformulação gráfica. Era preciso modernizar o layout em sintonia com as novas tendências do design gráfico. O projeto anterior se pautava por uma distribuição aleatória de textos e imagens, tonando cada matéria com uma cara diferente, parecendo várias revistas dentro de uma. O novo projeto é mais consistente, traz um conjunto de elementos que estimulam uma maior padronização na hora de compor cada unidade de texto (entrevistas ou reportagens) com uma variedade de peças que permite uma maior flexibilidade na diagramação reforçando a identidade visual. A proposta desse novo *design* ficou a cargo do estudante Felipe Góes, estagiário bolsista na Editoria de Diagramação do Núcleo Integrada de Comunicação (NIC).

O formato da revista também foi alterado. Passou de 21x28cm para 22x26cm, deixando-a mais quadrada. Essa mudança permitiu o aumento das colunas de 2 para 3. Além disto, cada coluna pode ser dividida em duas, dependendo da necessidade, ficando com um total de 6 colunas. Essa divisão possibilitou maior mobilidade na diagramação e resultou em uma variedade de *layouts* de páginas sem perder sua identidade visual.

Os tipos escolhidos foram da família *LubalinGraltcTEE*, *bold* para o título e regular para o corpo do texto. Optamos por essa fonte porque ela tem uma serifa quadrada que deixa a letra mais limpa, facilitando a leitura. Com um design arrojado, essa família pode ser usada em diferentes tamanhos sem precisar recorrer a outros tipos, o que cria uma maior consistência visual.

5.1.1 A criação de ícones

Para orientar o leitor com relação aos textos, foram criados ícones. Eles são apresentados no

índice indicando ao leitor o que significa cada um. E depois eles aparecem ao longo da publicação na parte superior da página marcando as seções de conteúdos. Exemplos de seções e ícones:

- Cartas dos Leitores - desenho de uma carta;
- Ensaio Fotográfico - desenho de uma máquina fotográfica;
- Editorial – desenho de uma lupa;
- Entrevista – desenho de dois balões, uma maior e outro menor, simbolizando um diálogo.

A revista é monotemática e as matérias são organizadas em editorias, de acordo com o tema. A edição No. 17 foi dividida em duas editorias: “Direções”, que foi representada pela letra 'D'; e “Acasos”, que foi com a letra 'A'. A fim de criar uma identidade para elas, cada uma ganhou uma cor própria. A primeira na cor laranja e, a segunda, na cor vermelha.

5.1.2 Peças do projeto

Diferentemente do projeto anterior, que oferecia pouquíssimos recursos gráficos para arejar a leitura e tornar os textos extensos menos densos, o novo projeto traz um conjunto de peças que permitem fragmentar os textos em unidades de texto, o que possibilita ao diagramador uma maior margem de manobra na hora de distribuir espacialmente o material nas páginas. A seguir, alguns desses recursos gráficos:

- “Olhos” - representados por uma grande aspa em cima do trecho de texto selecionado da fala de algum entrevistado ou personagem da matéria, acompanhado de duas linhas pontilhadas, uma em cima e outra embaixo;
- Box de ½ coluna – reúne dados extras da matéria, permitem um descanso na leitura;
- “Matéria Coordenada” - ela vem cercada pelo um fio pontilhado. O seu título é dividido do corpo do texto por um fio. O começo do texto da coordenada é marcado por três quadrados em tons de cinza;
- Saiba mais - sinalizado pelo signo + em tom cinza;
- Resenha - sinalizado pelo Jogo da Velha em tom cinza, vem em cima da vinheta. Logo abaixo fica o título e o nome o autor. Uso de capitular de três linhas de altura;

- Jogo rápido – minientrevista sinalizada por um signo de interrogação e um de exclamação em tons cinzas, localizado acima da vinheta.

Com relação às legendas das fotos, estas aparecem agrupadas e numeradas quando se trata de várias. Também as fotos são numeradas. Quando se opta por colocar a legenda dentro da foto, esta é demarcada por um contorno de fio grosso para ressaltá-la.

Toda matéria se inicia com uma capitular colorida de três linhas de altura. Para indicar ao leitor o final do texto, aparece no fim da matéria um ícone quadrado pequeno da mesma cor da capitular.

O fio-data da revista é demarcado por meio de um fio que vem embaixo de uma caixa cinza, uma cor neutra que não concorre com as outras cores usadas na página. Ela traz a numeração, mês e ano da publicação. No topo das páginas foi deixado uma “cabeça larga” com uma área em branco de 5 cm, o que garante um maior equilíbrio entre a área diagramada e em branco. Eventualmente, dependendo das fotos, esse topo é parcialmente “invadido” por fotos.

Assim como no projeto anterior, o novo projeto gráfico continua a valorizar enormemente as imagens fotográficas. A melhor de cada reportagem, abre a matéria ou serve de pano de fundo. Quando possível, as matérias começam em páginas dupla com um foto de fundo e o conteúdo em contraste.

Outra novidade é a possibilidade de o título aparecer na posição vertical, do lado esquerdo da página. Esse recurso quebra a hierarquia tradicional de título, autor, abre e texto. E o que foi usado, por exemplo, na reportagem “Pé na estrada”:

Pé na Estrada

texto e fotos: Helena Rêdel Nogueira

Movimento continua sendo a palavra-chave da cultura mochileira, mas, com mais de meio século de distância da geração beat dos anos 50, os mochileiros de hoje não podiam ser exatamente iguais aqueles que deram origem a ideia. Ainda existe quem coloque o pé na estrada de uma forma mais parecida com o que era feito na época de Jack Kerouac. Hoje, no entanto, a tecnologia, a praticidade e algum planejamento são parte das viagens da maioria dos mochileiros. De 1976 para 2010, duas personagens contam suas experiências como mochileiros e ajudam a traçar um paralelo entre o que era um mochileiro nos anos 70 e o que é ser um mochileiro hoje.

Nascida na França, em 26 de fevereiro de 1949, Martine Kunz é da geração "20 anos em 1968", considerado o "ano mágico da história" por ser marcado por acontecimentos como a Guerra do Vietnã, a morte de Martin Luther King, o movimento hippie, revoluções estudantis no mundo todo como "Maio de 68", na França, e muitos outros.

Professora da Universidade Federal do Ceará (UFC), Martine, hoje uma "brasileira com sotaque diferente", morava em Paris e era bolsista no mestrado em literatura que cursava na Sorbonne. O dinheiro, que era pouco, ela ganhava passando como modelo nas academias de desenho, o que fez na época como um "bico permanente". Foi nesse ocasião, no ano de 1976, que resolveu que era tempo de dar uma pausa em sua trajetória acadêmica.

A decisão de dar uma pausa, apenas, era um pouco vaga, e Martine ainda não havia decidido qual seria o formato dessa interrupção até conversar com Floriã. A amiga argentina que estudava as línguas espanhola e portuguesa propôs uma viagem ao Brasil, pois tinha alguns contatos no país e falava um pouco do idioma.

Diferentemente de Floriã, Martine não falava uma palavra de português, mas aceitou a proposta. A verdade é que, àquela altura, o país de destino não importava tanto assim para a jovem de 27 anos: o que realmente lhe agradava era a ideia de aventura. "Medo de ter sido qual-quer outro país, inicialmente".

As duas amigas já possuíam experiências na estrada, pois haviam feito várias viagens pela Europa, sobretudo para os países mediterrâneos. Era comum para as duas, principalmente devido ao curto orçamento, viajar de carona. "Era uma prática muito corriqueira na nossa época em Paris". O principal meio de transporte escolhido para a aventura no Brasil foi o mesmo.

ff
Era assim que se desenrolava a viagem, ao sabor dos encontros.

Martine

A viagem não era barata, mas a intenção era reduzir ao máximo os custos. A primeira parte, da França para o Brasil, foi pelo mar. As duas amigas embarcaram com nada além das mochilas que carregavam nas costas em um navio italiano que levava tanto pessoas quanto mercadorias, e, depois do que pareceu bastante tempo no oceano, chegaram ao Rio de Janeiro em pleno carnaval. Ainda um pouco perdidas e sem um planejamento, ficaram hospedadas na casa de um francês que conheceram no navio e que possuía uma residência em Santa Teresa. "Era assim que se desenrolava a viagem, ao sabor dos encontros".



Professora brasileira com sotaque francês

Do Rio, as duas viajantes foram subindo por Minas Gerais e seguindo para a região nordeste, onde tiveram dias em Salvador e em Fortaleza. Quando chegaram à capital cearense, o dinheiro já estava bem escasso, e como a intenção era seguir para a Amazônia, passaram poucos dias, durante os quais conseguiram abrigo primeiro na Aliança Francesa e depois em uma república.

Após conseguirem duas passagens de ônibus, uma dada pela empresa e outra presente de um amigo, a próxima parada, já com cinco meses de viagem, foi Belém, de onde Floriã voltou para a França devido ao que mais tarde descobriu ser uma hepatite.

SOZINHA, BUNCO A MANAUS

Já sem a amiga e companhia de viagem, Martine seguiu sozinha para Manaus em um barco, no mínimo, pouco aconchegante. As pessoas comiam em cuias e dormiam de rede, todas amontoadas, numa "colúmbia de corpos" que dividiam os espaços com baratas e outras coisas, enquanto o barco não parava de chacoalhar.

Sem rede ou cuia, Martine dormia no saco de dormir embaixo das redes de onde as pessoas cuspiam e comiam em cuias gentilmente cedidas por outros passageiros. "Era tudo muito precário, mas no tempo eu adorava, porque eu tinha uma prática dessa precariedade de viajante, então não me assustava. Além disso, eu era bastante desatenta... Bastante essa mistura de despojamento e curiosidade. O que importa é não ter medo".

Martine sabia que a precariedade de sua situação era relativa, pois era temporária e também uma aventura, mas lembra que a miséria que via nas ruas de alguns lugares do Brasil causou um impacto muito grande, pois, apesar de viver pobreza na França também, lá não estava presente de forma tão escancarada. "Eu não tinha uma visão política articulada do mundo e do que liga as coisas entre si. Através do Brasil eu fiz essa aprendizagem de uma visão mais integrada."

Como pode ser observado, esse projeto permite novas soluções para a diagramação, ao mesmo tempo que atualiza a revista no que diz respeito ao design gráfico. Como a revista costuma trazer textos densos e extensos, essa mudança contribui para facilitar a dinâmica da leitura e tornar as páginas visualmente mais atrativas..

5.2 Do Laboratório de Jornalismo até a distribuição

Criado em 2004, o Labjor é uma Agência Júnior de Jornalismo com estagiários da própria Universidade que participam ativamente do desenvolvimento d'*A Ponte* (descrição a seguir), dos jornais impressos *Bandeja*, *Jornal Mural*, e *Sobpressão*, um blog e de atividades de assessoria de imprensa. Os estagiários são estudantes do Jornalismo - em sua maioria - e da Publicidade da Unifor. Eles realizam todos os projetos supervisionados por professores do curso de Jornalismo.

O trabalho dos alunos da disciplina *Impresso II*, quanto ao conteúdo d'*A Ponte*, é entregue em sua versão definitiva, junto a um CD com as fotos das reportagens, concomitantemente



ao fim do semestre e também da disciplina. Na sequência, o processo de elaboração da revista fica a cargo dos alunos-estagiários do Labjor.

No Labjor, a primeira etapa é a seleção das matérias que farão parte da revista. Em seguida, começa a fase de edição de textos e imagens. É um momento que requer grande profissionalismo, pois é quando o produto começa a tomar forma e os detalhes são observados ainda mais minuciosamente. Se necessário, novas fotos são feitas, a apuração é complementada.

No passo seguinte, os alunos-estagiários do setor de diagramação e produção gráfica organizam graficamente todo o material, sob a supervisão dos professores-orientadores desse setor. Depois o arquivo final é revisado ortograficamente e aprovado pelos coordenadores do curso e a a direção do Centro de Humanidades. Finalizado, o material é enviado à gráfica e posteriormente distribuído à comunidade acadêmica, geralmente em cerimônia de lançamento no teatro da Universidade.

A 17ª edição, que teve tiragem de 700 exemplares, conta com seis reportagens, uma entrevista, um ensaio fotográfico e quatro propagandas realizadas com a parceria entre os dois laboratórios, o de Jornalismo e da Publicidade. As seis reportagens, dividem-se em duas editorias denominadas “Direções” e “Acasos”.

6 CONSIDERAÇÕES

Inteiramente feita pelos estudantes do curso de graduação em Jornalismo da Unifor, a revista *A Ponte* surgiu da vontade de absorver e expressar o jornalismo em sua dimensão humana e social. Os projetos editorial e gráfico buscam aliar-se para culminar sob um resultado de harmonia e convergência, formando juntos um só texto. Durante a produção do conteúdo da revista, desde a escolha do tema, os alunos podem vivenciar o jornalismo literário, no enalço de uma comunicação atraente, sem perder o foco da proposta – narrar boas histórias. *A Ponte* N° 17 traz em seu editorial a frase do poeta espanhol Antonio Machado: “Caminante, no hay camino, se hace camino al andar” (SEPÚLVEDA, 2012, p.3), em referência ao tema “Rumos”. Mas pode-se dizer que a frase encaixa-se



perfeitamente ao produto desta edição da revista, por representar mais um passo a constituir a trajetória iniciada em 2003.

Além disso, o impresso permite desenvolver nos estudantes uma visão social crítica e cidadã da realidade da nossa região, onde uma significativa parcela da sociedade encontra-se à margem dos benefícios e das riquezas produzidas pela nossa terra, preparando, assim, futuros profissionais conscientes da realidade social, política e econômica do nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCANJO, Conceição de Maria, et al. **Gravidez em Adolescentes de uma Unidade Municipal de Saúde em Fortaleza**, 2007.

CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo. Editora Escrituras, 2003.

FREITAS, João Paulo. Sinais Vermelhos. **A Ponte**, revista do curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza, ano 8, n. 17, p. 48-57, 2012.

RIBEIRO, Gabriela. O Novo Jornalismo na Revista A Ponte nº 12. In: **Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 3 a 6 de setembro de 2010, Caxias do Sul. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/expocom/EX23-1145-1.pdf>> Acesso em: 02 mai. 2012.

BENÍCIO, Luana; CORDEIRO, Maíra. Eu Nasci de Novo. **A Ponte**, revista do curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza, ano 8, n. 17, p. 61-67, 2012.

SOLON, Marina; MENEZES, Melina. Rumos Interrompidos. **A Ponte**, revista do curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza, ano 8, n. 17, p. 38-47, 2012.

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA. *Homepage* institucional da Universidade de Fortaleza, pertencente à Fundação Edson Queiroz. 2012. Apresenta informações sobre matrícula, cursos, espaço cultural, parque desportivo e demais assuntos relativos à Universidade de Fortaleza, 2012. Disponível em <<http://uol03.unifor.br/oul/pages/academico/graduacao/novoSite/detalheDisciplinaPL.jsp?>> Acesso em 03 mai. 2012.